

# O PORTÃO COLONIAL DE PORTO ALEGRE, A ENTRADA DA CIDADE FORTIFICADA

## *THE COLONIAL GATE OF PORTO ALEGRE, ENTRANCE OF THE FORTIFIED CITY*

José Daniel Craidy Simões<sup>1</sup>

Pedro Paulo Pons<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste artigo investiga-se a história do Portão Colonial de Porto Alegre. Entre 1778 e 1845 a cidade de Porto Alegre foi protegida por uma fortificação e seus acessos, por terra, controlados por meio do Portão da cidade. Durante o séc. XIX, o portão e as trincheiras foram completamente apagados da paisagem urbana da cidade. Apesar de não haver registros de como seria sua aparência, por meio deste estudo examinou-se como poderia ser a sua morfologia e, também, como foi retratada a sua imagem, durante o séc. XX. Ao longo do tempo, na cidade de Porto Alegre a região do Portão transformou-se profundamente. Ainda assim, alguns vestígios do período de existência do Portão Colonial de Porto Alegre permaneceram. Investigou-se a localização do Portão Colonial de Porto Alegre, na paisagem urbana contemporânea, por meio de três estudos realizados a partir de dados como a planta de L. P. Dias de 1839, o mapa topográfico de Porto Alegre de 1941, plantas de registros de propriedades, depoimentos de antigos moradores da região e imagens contemporâneas de satélites (Google Earth).

**Palavras-chave:** Porto Alegre. Portão Colonial. Transformação Urbana.

### ABSTRACT

*In this article the history of the Colonial Gate of Porto Alegre is investigated. Between 1778 and 1845, the city of Porto Alegre was protected by a fortification and its access by land was controlled through the City Gate. During the century XIX, the gate and the trenches were completely erased from the urban landscape of the city there are no records of how their mor-*

---

1 Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005), atua dentro das atribuições definidas para a Profissão de Arquiteto, com destaque as atividades de Perícias e Avaliações de Bens, Assistência Técnica, Vistorias, Projetos de Arquitetura e Acompanhamento de Execuções. É especialista *Latu Sensus* em Perícias e Avaliações de Bens pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Mestre *Stricto Sensus* pelo Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. É Membro do Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo - GEDURB. Integra o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ICOMOS Brasil - Núcleo RS. É membro pesquisador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - IHGRGS - onde atua como Vice-Coordenador da Mapoteca e integrante da Câmara Técnica.

2 Natural de Osório, Licenciado em Filosofia pela Ufrgs, em 1983. Pesquisador .

*phology would be, this study examined how its structure could be and how his image was portrayed during the century XX. Over time, as the city of Porto Alegre the region of the Gate was deeply transformed. Despite this, some vestiges of the period of existence of the colonial Gate of Porto Alegre remained. The location of the Porto Alegre Colonial Gate was investigated in the contemporary urban landscape with three studies based on data such as the map of L. P. Dias dated 1839, the topographic map of Porto Alegre dated 1941, property records plants, testimonies of former residents of the region and contemporary satellite images (Google Earth)..*

**Keywords:** Porto Alegre. Colonial Gate. Urban Transformation.

## INTRODUÇÃO

Durante o séc. XVIII Porto Alegre passou a ser reconhecida como cidade. No bairro ‘Centro Histórico’, local onde se formou o primeiro núcleo urbano, encontram-se ruas e praças remanescentes de seu primeiro traçado. O povoamento que originou a cidade de Porto Alegre surgiu devido a necessidade “de conquista e ocupação dos domínios ainda indefinidos entre Portugal e Espanha” (Oliveira 1993, p.17) no continente sul-americano. O perímetro do bairro Centro Histórico, cujos limites já foram desenhados pelas águas do Rio Guaíba e por uma cinta fortificada<sup>3</sup>, corresponde aos antigos limites da cidade. Porto Alegre, ao longo de sua existência, redesenhou os limites de suas divisas, transformando-se profundamente, a paisagem urbana do seu bairro ‘Centro Histórico’.

Em 25 de julho de 1773, por meio de um ofício emitido pelo Vice Rei Marques de Lavradio, a capital da Província de São Pedro passou da freguesia de Viamão para Porto Alegre. O então Governador da capitania de São Pedro, Coronel José Marcelino de Figueiredo, determinou a construção da casa dos Governadores, da Igreja Matriz e da casa da Real Fazenda e Câmara, todas localizadas no alto da “península”, junto à rua da Igreja (atual Duque de Caxias). Na tentativa de proteger a cidade de invasores, entre 1773 e 1778 foi construída uma cinta de fortificação para a defesa da nova capital junto à face leste da chamada península<sup>4</sup> da cidade. Conforme Ma-

3 Segundo Riopardense de Macedo, o sistema de defesa (cinta fortificada) partia da linha d’água aproximadamente a 108 m a leste da rua Cordoeiro (Sr. Dos Passos), mais ou menos da rua Carlos Chagas, início da Pinto Bandeira, passando a crista do morro e contornando por trás, o prédio principal da Santa Casa que fazia frente para a rua Misericórdia, atual rua professor Annes Dias. Dirigia-se, depois, em direção ao <portão> de onde seguia pelo alinhamento da rua João Pessoa até a rua Sarmento Leite, então beco do Israel Soares de Paiva. No alinhamento desta seguia até o arroio Dilúvio, acompanhando o seu curso até mais ou menos a atual avenida Borges de Medeiros (Macedo, 1968, p.68)

4 Além de apresentar o formato de uma península, a região também apresenta características de um “promontório” (cabo composto por rochas muito elevadas e por penhascos). No

cedo (1968, p.68), “a maior parte da trincheira era constituída de um caixão de terra acompanhado, pelo lado de fora, por um fosso”. Possivelmente sua estrutura seria formada por tábuas e toras de madeira paralelas com um preenchimento de terra retirada do fosso, ou seja, uma estrutura simples e de rápida execução. O acesso da cidade se fazia por meio de um Portão.

O local onde teria sido feito o antigo Portão de entrada da cidade não apresenta nenhum marco físico ou referência de qual seria a sua posição no espaço urbano contemporâneo. Propõe-se, nesse trabalho, descrever algumas das transformações urbanas da cidade, que desencadearam o desaparecimento de qualquer vestígio do Portão de Porto Alegre e, ainda, indicar uma provável localização dele no espaço contemporâneo da cidade.

A partir da análise de mapas históricos da cidade de Porto Alegre buscou-se reconhecer o posicionamento da fortificação, na época de sua existência. Em descrições de documentos de registros de propriedades pode-se comprovar que o Portão colonial, enquanto marco físico, era usado como referência nas demarcações. Pretende-se, com este exercício de localização do antigo Portão de Porto Alegre na paisagem urbana contemporânea, resgatar faces pouco conhecidas da história de um símbolo desaparecido da cidade de Porto Alegre.

## 1 PLANTA DE L. P. DIAS DE 1839

Em 1839, L.P. Dias elaborou uma planta da cidade que, segundo Fialho (2010, p.404), foi intitulada com o extenso nome: *“Planta da Cidade de Porto Alegre, por L. P. Dias. Com a linha de Trincheiras e Fortificações que lhe tem servido de defesa desde o memorável dia 15 de junho de 1836, com as retificações e melhoramentos que se tem feito por motivo de ter sido atacada pelos sediciosos em 1836, 1837 e sitiada em 1838, 1839 tempo em que esta he concluída com duas Vistas, hua de Leste, outra do Oeste com as declarações a respeito. Porto Alegre, 2 de Dezembro de 1839”*<sup>5</sup>. A planta de Dias descreve, em detalhes, os limites da cidade em 1839. Um limite dado pelo contorno das águas do Rio Guaíba, como obstáculo natural às invasões e com postos de vigilância dispostos em toda a sua extensão e tendo como limites, por terra, sua trincheira, que isolava o setor da península, e sua altimetria mais elevada. Havia, pelo menos, oito baluartes de canhões distribuídos ao longo da extensão da trincheira. Nessa planta também é descrito o subúrbio da cidade, com a representação dos limites

---

entanto, será descrita nesse estudo apenas como “península”, termo amplamente utilizado nos apontamentos sobre a região do atual bairro Centro Histórico de Porto Alegre, ao longo do tempo.

5 Grafia original do título da Planta de L. P. Dias de 1839.

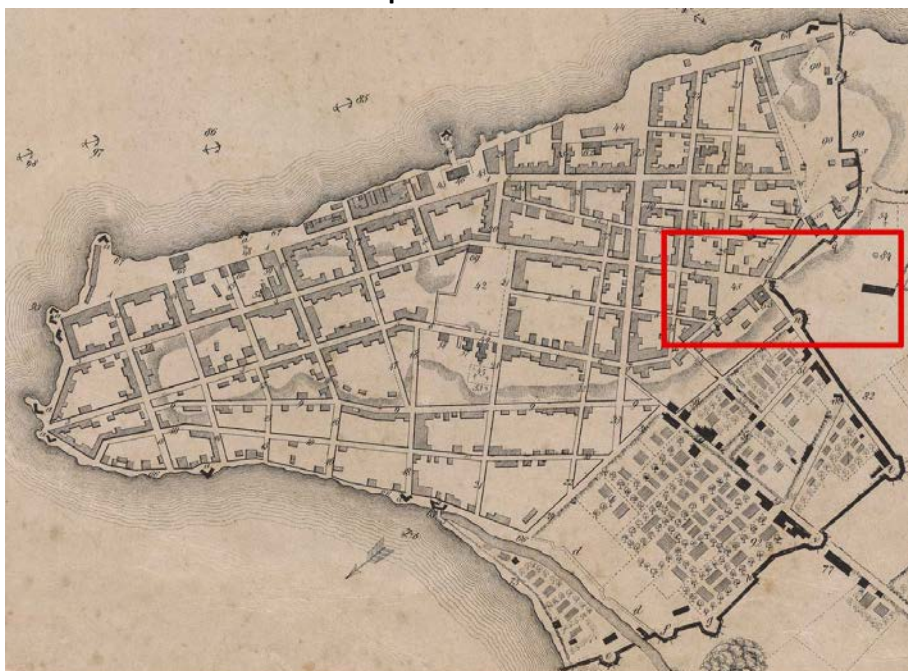
entre chácaras, com zonas de plantações, com os caminhos que conduziam para a cidade, com a marcação de locais onde ocorreram acontecimentos importantes, bem como a localização das principais edificações da época, tudo isso descrito em lendas.

A planta de Dias traz, ainda, o posicionamento do Portão e da trincheira da cidade. Na fig 1, um detalhe da planta de Dias, destaca a cidade de Porto Alegre fortificada no ano de 1839. A área do Portão aparece, destacada em vermelho. A localização do Portão pode ser justificada pela topografia natural da região da península na época. Com as altas declividades encontradas nas faces leste e oeste da península, o percurso de acesso do Portão possibilitava um caminho com declividades amenas para veículos de tração animal e caminhanes.

Esta orientação deve provavelmente ter seguido as orientações do extenso documento publicado em 1680 intitulado “*METHODO LUSITANICO DE DESENHAR AS FORTIFICAÇOENS DAS PRAÇAS REGULARES & IR-REGULARES, PRAÇAS DE CAMPANHA E OUTRAS OBRAS PERTENCENTES A ARQUITETURA MILITAR*”, elaborado pelo então Engenheiro e Cosmógrafo Mor de Portugal Luís Serrão Pimentel, os sítios fortificados deveriam seguir uma série de orientações formais. Uma delas estabelece as regras para as construções dos portões de acesso a ‘*fortalezas e praças fortificadas*’. *Não há em hua praça lugar que co mais cuidado deva ser fortificada que as entradas pelo muito que estão sugeitas a entrepezas*” (Pimentel, 1680, p.146). De acordo com este documento, o *lugar próprio* para as portas das fortificações deveriam ser, preferencialmente, no meio da *cortina ou mais chegado para que para outro flanco, obrigando a necessidade de serventia da rua da praça por não derrubar casas e fazer outras novas*. (Pimentel, 1680, p.147). Desta forma, pode-se reconhecer que os condicionantes da topografia combinados aos regramentos formais vindos da administração de Portugal, podem ter moldado a trincheira assim como o acesso a cidade.

6 As grafias grifadas em itálico correspondem ao texto original do *Methodo Lusitanico De Desenhar As Fortificaçoens Das Praças Regulares & Irregulares [...]*.

**Figura 1: Segmento da planta de Porto Alegre realizado por L.F.Dias em 1839.**



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Porto Alegre passou a ter todos os fluxos terrestres de entrada e saída da cidade direcionados a passagem do Portão. Desta forma, é possível justificar os dois espaços livres, no seu entorno, que serviam de área de transição à transposição do limite da cidade e que estão representado na planta de Dias: O primeiro era um largo posicionado no lado interno do Portão, denominado de Praça do Portão. A praça do Portão era um espaço onde se bifurcavam a rua da Ponte<sup>7</sup> (atual rua Riachuelo), a rua do Hospital<sup>8</sup> (último trecho da atual rua Duque de Caxias), a rua Santa Catarina (atual rua Dr. Flores) e a rua da Misericórdia (atual rua Professor Annes Dias). De acordo com Telles (1929, p.13) a rua Formosa (rua Duque de Caxias) e a rua do Cotovelo (rua Riachuelo) “formavam um ângulo pelos respectivos

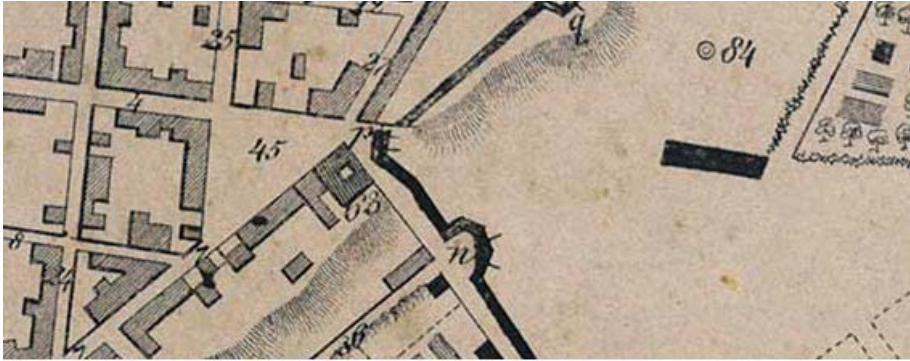
7 De acordo com Franco, (1992, p.352) apud Coruja, da rua da ladeira para os lados do Arsenal chamavam *rua do Cotovelo*. Da ladeira para os lados do Portão [...] era conhecida como *rua da Ponte*.

8 De acordo com Franco, (1992, p.142) em livros do 1º Tabelionato escrituras dos anos de 1786 e 1787 mencionam nomes como *rua Formosa*, *rua Direita da Igreja* e *rua da Igreja*. A denominação “rua Formosa” [...] foi usada em atas da câmara Municipal, pelo menos até 1830, quando começavam a generalizar o nome de rua da Igreja para toda a artéria. A partir de 1820, surgem referências a mais três denominações, correspondentes a segmentos do final da rua [...] *rua de São José*, *Rua Alegre* e *rua do Hospital*.



prolongamentos, sendo seu vértice denominado ‘Portão’. O segundo, na parte exterior, recebia os fluxos advindos de Viamão que se somavam ao Caminho do Meio<sup>9</sup> e que correspondia a um percurso que atravessava uma grande planície alagadiça, característica marcante da área natural do entorno da cidade.

**Figura 2: Segmento ampliado da planta de Porto Alegre de L.P.Dias, 1939.**



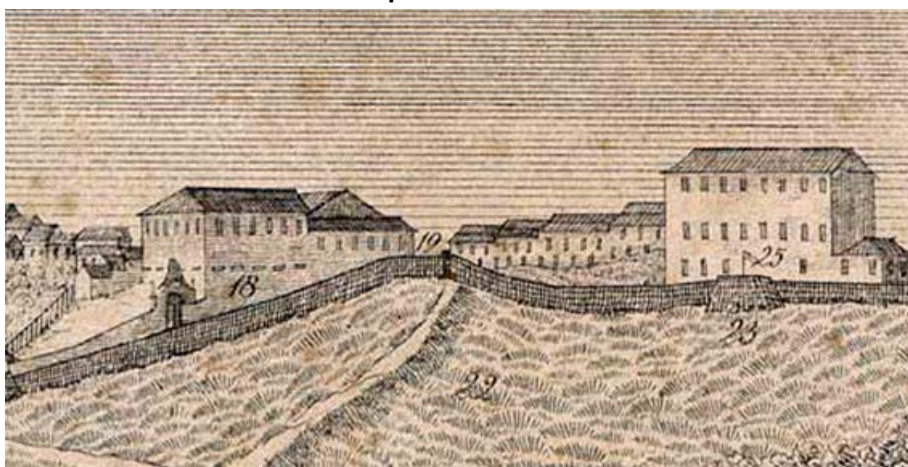
**Fonte:** Hemeroteca da Biblioteca Nacional

A planta de Dias traz, além do mapa, duas ilustrações de visuais da cidade. Uma delas remete à vista da face leste da cidade na época (fig.3). Nessa visual o percurso do chamado Caminho do Meio é representado no seu trecho final, quando encontra o Portão de acesso da cidade (letra “p” presente fig.2)<sup>10</sup>. Nota-se, também, a inclinação do terreno, baluastres de canhões (letra “n”), o Quartel do 8º Batalhão (nº63), “poço da caridade” (nº84), o “praça do Portão” (nº45) e a rua da Misericórdia (nº27).

9 Segundo Franco, o Caminho do Meio corresponde ao percurso contemporâneo das Avenidas Oswaldo Aranha e Protásio Alves.

10 Todas as descrições e numerações dos lugares citados seguem a legenda da planta de L.P.Dias de 1839.

**Figura 3: Segmento de ilustração presente no planta de Porto Alegre realizado por L.P.Dias em 1839.**



**Fonte:** Hemeroteca da Biblioteca Nacional

De acordo com a ata da Câmara Municipal de 8 de novembro de 1823, a estrutura do Portão estaria sendo utilizada, neste período, como parte da construção de um açougue, o qual deveria “demolir-se por encontrar-se no meio da rua pública”. Tal documento afirma que o açougue “fora instalado, sem dúvida nas ruínas do antigo Portão”. Este episódio deixa evidente que sobre a estrutura do Portão não houve cuidados que permitissem que a estrutura do portão permanecesse no ambiente da cidade, tendo sido determinada a demolição das ruínas do Portão junto com o açougue no ano de 1823.

Segundo Franco (2012, p.56), com o fim da guerra civil, no dia 2 de maio de 1845, a Câmara de Vereadores solicitou ao presidente da província, Duque de Caxias, que se demolissem as construções feitas para a defesa da cidade, por, segundo os vereadores, “só servir para despejos prejudiciais à saúde pública”. Supõe-se, assim, que as trincheiras tiveram sua demolição alguns anos depois do Portão, em 1845.<sup>11</sup>

## 2 A IMAGEM DO PORTÃO

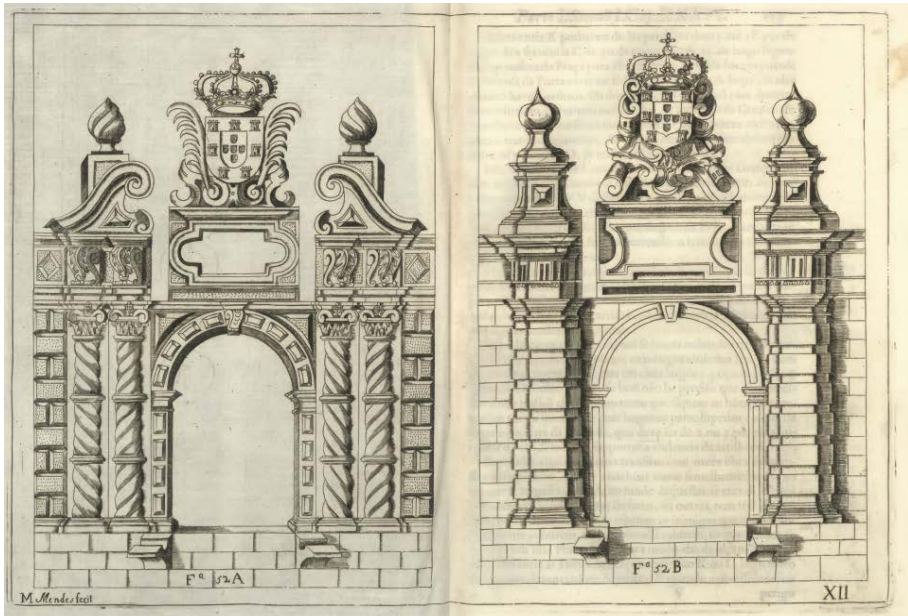
Mas qual seria a imagem do Portão de Porto Alegre? Segundo o regimento trazido pelo *Methodo Lusitanico de Desenhar Fortificaçoens* ao se referir as regras da arquitetura civil da época, afirmava-se que o vão de um

<sup>11</sup> A partir dos dados levantados, supõe-se que os últimos anos da trincheira contavam com a presença do Portão, havendo apenas um vão de passagem.

portão deveria medir entre 8 e 11 pés<sup>12</sup>, mas havia a possibilidade de ter vãos maiores conforme a importância da praça. Aconselhava-se que o pé direito tivesse entre 14 e 16 pés<sup>13</sup>, mas também havia a possibilidade de serem construídos com até 22 pés<sup>14</sup>.

No texto do *Methodo Lusitanico*, encontra-se imagens de portões referentes a diferentes fabricantes (fig.4). E a afirmação de que “*nos interiores se permite a fábrica menor hórrida e mais polida em ornamentos architectonicos artificiosamente applicados*.” (Pimentel, 1680, p.150). Entende-se por esta afirmação, que a simplificação na ornamentação destas construções era aceita e também praticada.

**Figura 4: Figuras de portões descritas pelo Methodo Lusitanico de Desenhar Fortificaçoens**



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

Embora não se tenham descrições ou registros de desenhos que retratam o Portão Colonial de Porto Alegre, é reconhecida sua importância como um elemento simbólico da cidade de Porto Alegre. Telles (1929, p.13) confirma essa idéia ao afirmar que: “não possuímos nenhuma indicação para reproduzir o antigo Portão”. No entanto, em 22 de janeiro de 1953, du-

12 Correspondentes à 2,43m e 3,35m.

13 Correspondentes à 4,26m e 4,87m.

14 Correspondentes à 6,70m



rante a gestão de Ildo Meneghetti, é promulgada a Lei nº1030. Por meio desta lei, a cidade adotou um brasão como seu símbolo da cidade (fig. 5). O Brasão conta com diversos elementos em sua composição, entre eles, centralizado no brasão, está o desenho de um Portão. Segundo o texto da lei, o desenho do Portão presente no brasão remete ao antigo Portão Colonial da cidade: “ao centro, em campo azul, o antigo Portão da cidade, estilizado<sup>15</sup> [...]”.

**Figura 5: Brasão da cidade de Porto Alegre de autoria de Francisco Bellanca.**



Fonte: site da PMPA

O termo *estilizado* utilizado na descrição do Portão, sugere um desconhecimento acerca de sua arquitetura, sistema construtivo e dimensões. De fato, a ausência de dados consistentes sobre o Portão de uma trincheira, edificada no século XVIII, obstaculiza profundamente o reconhecimento de sua importância identitária para a cidade. Apesar dessa situação, permanece no ambiente urbano da cidade, após grandes alterações em sua morfologia, um dos espaços que compunha o entorno do Portão: a praça do Portão. De acordo com as atas da Câmara referentes às últimas décadas do sec. XIX, a praça do Portão passou a chamar-se praça Gen. Marques, em 1873. Nesse período a praça foi arborizada e recebeu melhoramentos. Em 1912, passou a abrigar o monumento do Conde de Porto Alegre, quando seu nome foi alterado novamente, agora para praça Conde de Porto Alegre.

15 Estilizado – Adjetivo 1. Que foi alterado com o objetivo de obter determinado efeito estético.

Em 1919 e, novamente, em 1933, foram realizados aterros e escavações que remodelaram a sua topografia.

Uma das cidades que tiveram sua importância durante o período de surgimento da cidade de Porto Alegre e que tiveram uma fortificação, foi a cidade de Colônia de Sacramento. Reconstruída a partir de 1704, a fortificação na Nova Colônia do Santíssimo Sacramento era uma ocupação Portuguesa que hoje permanece no território do atual país vizinho Uruguai (fig.6). A fortificação conta com um arco de pedras, denominado Portão de Armas, como único acesso à área fortificada de Colônia do Sacramento. Neste período, Portugal vivia sobre um regime monárquico e absolutista.

Coloca-se, assim, a hipótese de que a tipologia construtiva do Portão de Porto Alegre possa ter alguma característica do Portão de Armas da Colônia de Sacramento. Apesar de haver algumas décadas de diferença entre o período atribuído às suas construções, a elaboração de ambos foi decisão do governo de Portugal e, também, os dois portões foram modelados com a função de estabelecer um acesso controlado a uma área fortificada.

**Figura 6: Portão de Armas de Colônia do Sacramento Uruguai**



Fonte: acervo pessoal de Rafael Silveira.

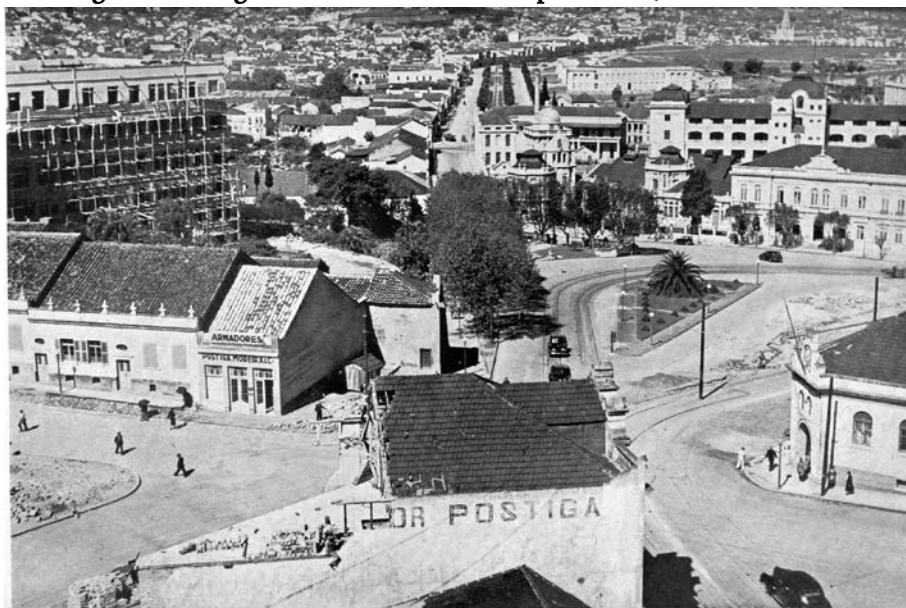
Mesmo não havendo registros da tipologia construtiva do Portão Colonial de Porto Alegre, é provável que ele tenha sido construído utilizando-se rochas locais. É possível, também, que suas dimensões fossem semelhantes às do Portão de Armas de Colônia do Sacramento, cuja altura era suficiente para a entrada de carroças com carregamentos e a largura possui dimensões restritas, para que houvesse um melhor controle dos fluxos.

### 3 ONDE SERIA A LOCALIZAÇÃO DO PORTÃO NO ESPAÇO URBANO CONTEMPORÂNEO?

Telles (1929, p.14) relata o depoimento do médico Dr. Sebastião Afonso de Leão (1866-1903) em que afirmava que o “Portão se erguia no local onde existia a casa nº1 da rua da Misericórdia” (atual rua Professor Annes Dias). De acordo com Telles, a posição do Portão estaria na confluência das Avenidas João Pessoa e Salgado Filho “onde estava situada a sinaleira do tráfego, entre a casa do Armador Moreira [...] e o Quartel da Polícia Militar”.

Em uma fotografia dos anos 1940 (fig. 7), pode-se visualizar o espaço descrito por Telles, hoje transformado pela construção do viaduto José Loureiro da Silva.

**Figura 7: Fotografia do trecho descrito por Telles, no ano de 1940.**



Fonte: acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Autor: W. Hoffmann

No entanto, além da descrição atribuída ao Dr. Sebastião Affonso de Leão, relatada por Telles, outros documentos corroboram a hipótese de que este teria sido o local do portão. Um auto de medição expedida pelo então Provedor Luiz Correa Teixeira de Bragança, em 1 de fevereiro de 1825, acerca de uma propriedade dos herdeiros do Padre Leandro Jozé de Magalhães, utiliza como referência para esta propriedade a posição do Portão quando afirma que a casa da Santa Casa “ficava no marco 1, no lugar do Portão, a 15,4 metros da esquina das casas novas dos herdeiros do Padre

Leandro. Porém, a afirmação de Leão não descreve a que parte do Portão ele se refere. Poderia ser o lado direito, o esquerdo ou o centro.

Conforme os registros sobre a mudança de numeração das ruas do centro, a primeira casa da rua da misericórdia, próxima ao Largo do Portão, corresponderia à casa de número “antigo” 28 ou 7 na numeração “moderna”, como consta na edição do jornal “A Federação”, de 10 de junho de 1937 (fig.8). A matéria demonstra que aconteceram duas mudanças na numeração: a primeira foi a inversão do lado par e do lado ímpar, a segunda, referente ao início da numeração na via, onde o último número passou a ser o primeiro.

**Figura 8 – Matéria do jornal “A Federação”, de 10 de junho de 1937.**

RUA MISERICORDIA			
Lado esquerdo pares		Lado direito ímpares	
N.º antigo	N.º moderno	N.º antigo	N.º moderno
25	12	28	7
23	16	26	17
21	20	24	25
19	28	22	31
17	34	20	37
15	40	18	43
13	48	16	51
11	58	14	57
9	62	12	63
7	112	10	71
8/N	118	8	77
8/N	121	6	83
3-B	150		
3	160		
1	172		

Fonte: acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Autor: W. Hoffmann

Com todas as numerações da via reunidas e a identificação do número 28 como sendo a construção com a maior numeração “antiga” presente na rua da Misericórdia nesse período, detecta-se uma diferença no relato feito por Sebastião Leão, quando se referiu à existência de uma edificação com o nº1, próxima ao portão.

Supõe-se assim, que a afirmativa de Sebastião Leão possa se referir à casa 1 por ser a primeira casa e não necessariamente a casa com a nume-

ração “1” e com o sentido de casa construída sobre o “marco 1”, em concordância com o auto de medição expedida pelo Provedor Luiz Correa Teixeira de Bragança em um ano em que ainda existiam as ruínas do Portão, de acordo com a descrição da ata da Câmara Municipal de 8 de novembro de 1823.

A partir da declaração de Sebastião Leão, e da identificação da casa de número 28 como a que foi construída na extremidade da via, supõe-se que a posição do antigo Portão, o “marco 1” referenciado e demolido aproximadamente um século antes da realização do registro Cadastral de Imóveis do 1º Distrito (fig.8), se localizou a 15,40 m destas casas. Porém, permanece a questão relativa a qual parte do Portão é referenciada.

Elaborou-se 3 estudos com no intuito de resolver essa questão e localizar a posição em que estaria o Portão Colonial na paisagem contemporânea de Porto Alegre. Tais análises, descritas como primeiro, segundo e terceiro estudos, simularam a posição do Portão aplicando diferentes descrições de sua posição, encontradas em documentos distintos. Os três estudos foram feitos por meio de sobreposições de dados e imagens a outras imagens contemporâneas de satélite. Desta forma, a partir do reconhecimento dos traços que permanecem ao longo do tempo, foi possível sobrepor diversos dados, para que se delimitasse os locais onde poderia ter se situado o Portão Colonial de Porto Alegre.

### **3.1 Primeiro estudo de simulação de localização do Portão Colonial**

A primeira simulação foi realizada a partir de dois mapas, o primeiro o mapa topográfico da cidade de Porto Alegre de 1941, um estudo elaborado a partir do levantamento planialtimétrico de 1937 e o segundo uma imagem contemporânea de satélite do espaço urbano.

A figura 8 demonstra o resultado do primeiro estudo. Nela consta o mapa topográfico de 1941 (em linhas brancas) sobreposto sobre uma imagem-base referente a uma fotografia de satélite de 2019<sup>16</sup> (imagem colorida). Com a sobreposição do mapa sobre a imagem contemporânea de satélite, pode-se localizar a extremidade do lote correspondente à Santa Casa de Misericórdia que, a partir da descrição de Sebastião Leão, aponta um afastamento de 15,40 metros da primeira casa da rua da Misericórdia, próxima ao Largo do Portão. O afastamento, aplicado na sobreposição das imagens, segue o alinhamento das casas da rua da Misericórdia (rua Prof. Annes Dias) em direção à rua da Ponte (rua Riachuelo).

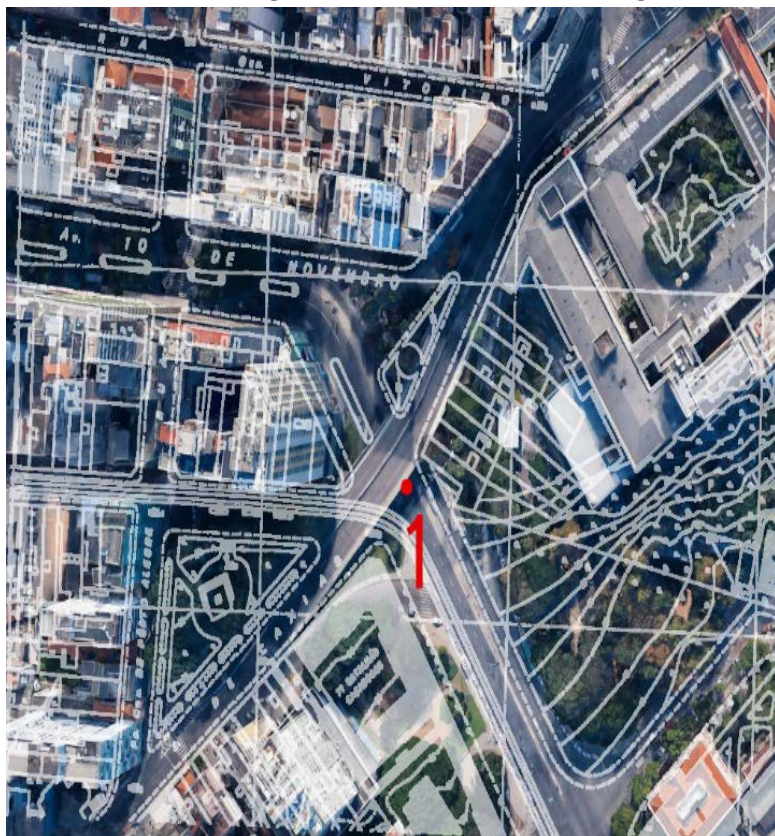
---

16 Imagem do Google Earth



Comparando as duas imagens sobrepostas, é possível notar grandes diferenças no espaço urbano referente a cada uma delas. O entorno do Portão e o espaço da Santa Casa de Misericórdia passaram por grandes transformações ao longo do século XX.

**Figura 9 – Primeiro estudo - Mapa topográfico da cidade de Porto Alegre de 1941 sobre imagem de satélite de 2019 – Google Earth**



Fonte: Mapoteca SMURB e Google Earth.

No entanto, o resultado deste cruzamento de informações descreve um ponto no espaço, assinalado como o ponto “1” da figura 9. Fica a questão se este ponto, relativo à forma do Portão, seria referente à qual parte dele: Um dos lados? Seu eixo?

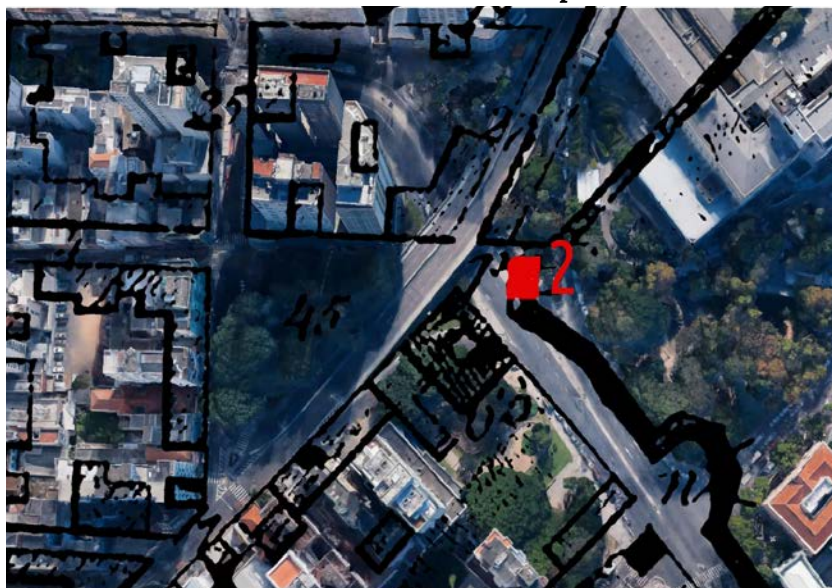
### **3.2 Segundo estudo de simulação de localização do Portão Colonial**

O segundo estudo foi realizado por meio de uma sobreposição da

planta de L. P. Dias (1839) em uma imagem de satélite contemporânea. Nesta sobreposição de imagens (fig10) se tem um apontamento referente à posição do Portão Colonial a partir dos dados presentes na planta de L. P. Dias, onde a letra “p” é descrita na legenda como a posição do Portão de entrada na cidade. Apesar de, em 1839, a cidade seguir com suas fortificações, os dados encontrados levam a entender que o Portão já não existia. Contudo, a planta de L.P. Dias é clara ao referenciar e descrever sua posição no espaço da cidade.

Apesar das limitações técnicas da época de elaboração da planta de L. P. Dias, é possível reconhecer a concordância entre os traçados das vias presentes nas duas imagens.

**Figura 10 – Segundo estudo – Sobreposição de trecho da planta de L.P Dias sobre imagem de satélite (Google Earth 2019) referente a região onde existiu o Portão colonial. Elaborado pelos autores**



Fonte: Planta de L. P. dias e Google earth

A mancha demarcada pela cor vermelha localiza a posição do Portão na planta de L. P. Dias. A numeração destacada é referente ao estudo de simulação de localização, de mesmo número (segundo estudo). Diferente do primeiro estudo, que apontou um ponto ou posição no espaço referente à posição do Portão colonial, a planta de Dias traz uma área correspondente a ele e não apenas à posição de uma parte dele. Apesar da posição encontrada no segundo estudo não ser exatamente a mesma do primeiro estudo, fica clara a proximidade entre elas.

### 3.3 Terceiro estudo de simulação de localização do Portão Colonial

Na terceira simulação, utilizam-se dados de uma planta que reconstitui o quarteirão da Santa Casa de Misericórdia, encontrada no acervo da Santa Casa e sobreposta a imagem de satélite da mesma área, de 2019. O desenho de reconstituição do quarteirão da Santa Casa de Misericórdia no século XIX, reúne informações de quatro áreas cedidas ou doadas à irmandade da Santa Casa de Misericórdia entre 1825 e 1845.

**Figura 11 - Estudo 3 – Referente aos dados extraídos da planta de reconstituição do quarteirão da Santa Casa de Misericórdia no séc. XIX elaborada no início do Séc. XX sobreposta na imagem de satélite (Google Earth). Elaborado pelos autores.**



Fonte: Acervo do CHC Santa Casa/Arquivo Central e Google Earth

Durante a construção do Viaduto Loureiro da Silva foram realizadas profundas alterações nas características dos terrenos que o envolvem, como foi descrito. Por sua vez, é apenas pela identificação de um “ponto de referência”, ou seja, uma característica do terreno inalterado ao longo do tempo, que é possível sobrepor as imagens de tempos tão diferentes. A figura 10 traz a posição do marco físico da planta de reconstituição do quarteirão da Santa Casa de Misericórdia no séc. XIX e a posição do Portão (nº 3 na fig. 11) descrita no levantamento de reconstituição do quarteirão (fig.11). Tal ângulo é utilizado como o elo de ligação que corresponde à mesma posição no espaço entre as imagens de diferentes tempos e que possibilita o



encaixe entre elas. Assim, o ângulo do terreno da rua Professor Annes Dias, assinalado como a letra “A” (fig. 10), permite a sobreposição entre as imagens, mesmo que as informações presentes sejam muito diferentes.

**Fig 11 – Segmento da planta de reconstituição do quarteirão da santa casa de Misericórdia no séc. XIX**



Fonte: Acervo do CHC Santa Casa/Arquivo Central

O local apontado como o lugar do Portão Colonial, no terceiro estudo, está localizado entre o ponto indicado pelo primeiro estudo e a área assinalada pelo segundo estudo. Assim, foi possível delimitar, mesmo que de forma aproximada, a região onde se localizou o Portão Colonial de Porto Alegre. O resultado do terceiro estudo também não traz a forma e as dimensões do Portão, apenas uma referência espacial.

Se faz necessário reconhecer algumas limitações dos estudos de localização do Portão Colonial de acesso a Porto Alegre proposto neste artigo. Nas sobreposições de imagens onde se procura localizar a posição do Portão no espaço contemporâneo existem limitações dadas pelo processo empregado. Na segunda simulação, mesmo sendo um material de qualidade reconhecida pela riqueza de seus dados, há na planta do século XIX de L. P. Dias, limitações naturais em função das tecnologias utilizadas para a elaboração de mapas da época, como a ausência de dados referentes à topografia do terreno. Ao mesmo tempo, a elaborada tecnologia trazida pela imagem de satélite conta com imperfeições referentes à lente fotográfica e a adequações entre as escalas das imagens.

A seguir, uma imagem que reúne as posições do Portão Colonial encontradas em cada um dos 3 estudos (fig.12). São apontadas na imagens as referências espaciais encontradas nos primeiro e terceiro estudos e também, a área relativa ao Portão apontada no segundo estudo. Os estudos estão assinalados nas imagens pelas numerações 1, 2 e 3, correspondendo ao

primeiro, segundo e terceiro, respectivamente. A fotografia utilizada para a sobreposição dos estudos demonstra muitas possibilidades sobre a posição do Portão. Uma delas seria a de que o Portão de Porto Alegre poderia ter um de seus lados junto ao ponto 1 demarcado na imagem e o outro lado junto ao ponto 3. Estes pontos também poderiam se referenciar ao seu centro. Entretanto, a mancha assinalada com a numeração 2 aponta para uma área relativa ao espaço demarcado na planta de L.P.Dias e transposta sobre a figura 12.

**Figura 12 – Simulação dos 3 locais resultante dos estudos de localização do Portão Colonial localizados sobre uma imagem contemporânea.**



Fonte: foto de José Daniel Simões

Os estudos são feitos apenas com dados que não consideram as várias transformações da topografia que aconteceram ao longo da história. Assim, apesar de se apontar um local para a posição do portão colonial, a partir do contexto urbano atual, não é possível saber em que cota de nível ele estaria, podendo seu espaço estar abaixo de um aterro, ou mesmo “flutuando no ar”, ou seja, acima da superfície do terreno que se tem hoje, representada na figura 12.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou recuperar um fragmento da história do período colonial de Porto Alegre, uma fase em que Porto Alegre tinha seus limites cercados por uma trincheira, e seu acesso se dava pelo chamado “Portão”, onde eram controlados os fluxos de entrada e saída terrestre da cidade. O local deste portão, sofreu profundas transformações, como escavações para ampliação de vias, além da construção do viaduto Loureiro da Silva. Apesar de haver documentações referente a antiga praça do Portão, existem poucas informações documentadas sobre o Portão Colonial.

Este estudo demonstra que o apagamento de um espaço urbano importante da cidade pode provocar o esquecimento de sua história. Reconhecido como elemento importante da cidade, durante um longo período desde a sua fundação, a história do Portão Colonial de Porto Alegre, acesso da cidade entrincheirada durante um período de conflitos, que levou a cidade passar por longos períodos de cerceamento de suas atividades, é muito pouco conhecida atualmente.

Com as limitações dos dados e processos empregados e tendo uma pequena variação encontrada em cada um dos três estudos de simulação elaborados na busca de um reconhecimento sobre a posição do Portão Colonial, é possível atribuir, apenas de forma aproximada, qual seria o seu local na paisagem contemporânea de Porto Alegre. Contudo, o exercício se justifica uma vez que demonstra o apagamento definitivo desse elemento da história da cidade.

Apesar de ter a sua imagem ‘recriada’ em meados do século XX, a sua representação não colabora com o conhecimento de sua história, uma vez que não são explicados na lei quais os critérios que foram considerados ao se desenhar a sua possível imagem no brasão da cidade. Atualmente, não se encontra nenhuma referência a existência do Portão Colonial de Porto Alegre nesta cidade.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO DO CHC SANTA CASA/ARQUIVO CENTRAL. Planta de reconstituição do quarteirão da Santa Casa de Misericórdia no séc. XIX. Porto Alegre. Ano desconhecido.
- ACERVO DA HEMEROTECA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Mapa de porto alegre de 1839 elaborado por L. P. Dias. Porto Alegre, 1839.
- ARQUIVO PÚBLICO DO RS- APERS. Auto de medição de 1 de fevereiro de 1825, 1º cartório cível, emitido pelo Desembargador Luiz Correa Teixeira de Bragança. Porto Alegre, 1825.
- FIALHO, Daniela Marzola. *Cidades visíveis: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, 2010.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre - Guia Histórico*. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Porto Alegre Ano a Ano – 1732-1950*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012.
- MACEDO, Riopardense. Francisco de. *Porto Alegre – Origem e Crescimento*. Porto Alegre: Sulina, 1968.
- OLIVEIRA, Clovis Silveira de. *Porto Alegre - A Cidade e Sua Formação*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Gráfica Metrópole S.A., 1993.
- PIMENTEL, Luis Serrão. *Methodo lusitanico de desenhar as fortificaçoens das praças regulares & irregulares, praças de campanha e outras obras pertencentes a arquitetura militar*. Distribuído em duas partes, operativo e qualificativo ao muito alto e poderoso Príncipe Dom Pedro, nosso senhor. Lisboa, 1680.
- TELLES, Leandro da Silva. *A praça do Portão e o viaduto Loureiro da Silva*. Gabinete Municipal de Planejamento e Coordenação – GAPLAM. 1970.